



O ROSTO PÓS MODERNO NA LINGUAGEM DO DESEJO

Maria de Fátima Lapa Esteves
Escola Superior de Saúde de Setúbal

RESUMO

O estudo de carácter exploratório, pretende abordar a representação simbólica do Divino, qual o "rosto" que os participantes concebem face aos desejos experimentados na sua vida (entrada da filha na faculdade, bilhete premiado,...) considerando que o desejo é fundamental ao psiquismo humano. Uma pessoa enquanto ser humano experimenta-se sempre como sujeito desejante. O desejo é o motor de todas as actividades humanas. Os participantes foram analisados a partir de um estudo diferencial ou comparativo, oriundos de seis diferentes circunstâncias de vida: Cristianismo, Budismo, Ateísmo, Agnosticismo, Esquizofrenia e Sem Abrigo. A recolha de dados realizou-se em local próprio de cada participante, onde se procedeu a uma entrevista com guião e gravada com consentimento informado. Os resultados foram objecto de análise de conteúdo, à luz de pensadores que reflectiram de várias formas o desejo, como Freud, Lacan, Kristeva, Irigaray, Deleuze e outros. O que se esperou e encontrou é que qualquer que seja a circunstância de vida, o Divino existe enquanto desejo, sendo a causa do devir humano.

Palavras-chave: Desejo e Divino.

ABSTRACT

The nature of this exploratory study, intended to address the symbolic representation of the Divine; which is the "face" conceived by the participants in relation to the experienced wishes in their life (entry of her daughter in university, ticket awarded, etc) considering that the wish is the key to the human psyche. A person while human being experiences itself always as a wishing entity. The desire is the engine of all human activities. The participants were examined from a differential or comparative study, from six different circumstances of life: Christianity, Buddhism, Atheism, Agnosticism, Schizophrenia and Homeless. The data collection was performed in each participant environment, where the interviews took place through a script and recorded with informed consent. Results were subject of content analysis, based in thinkers that reflected the desire in many ways as Freud, Lacan,



Kristeva, Irigaray, Deleuze and others. What was expected and happened is that whatever was the circumstance of life the Divine exists as desire, being the cause of the human becoming.

Key Words: Divine and wishes.

INTRODUÇÃO

A psicologia nunca provou que Deus existe. A psicologia não diz, de facto, que o Deus da onto-teologia existe, como também não o pode negar. Mas poderá a psicologia, à imagem do que acontece com outras ciências humanas, reduzir o divino à realidade psíquica e social, e afirmar que a crença por exemplo, na existência histórica do divino cristão, resulta do facto da sociedade acreditar nele? Será que o que autoriza ou torna legítimo o nosso discurso psicológico sobre o divino é simplesmente o facto dele fazer parte da cultura europeia? Quererá então dizer, como aliás comentava Nietzsche ao reflectir sobre o cristianismo e a natureza da linguagem, que se ainda não nos libertámos de Deus, é porque “we still believe in grammar”? (Lippitt, 2000). Nesta ordem de coisas (onde o Ego pensante e transcendental se opõe como medida absoluta, a uma ordem cósmica medieval centrada em Deus), a ideia do divino não surge senão ligada à necessidade, à carência, ou à fraqueza humana.

Feuerbach, Comte, Marx, Durkheim, Freud, Weber, e outros, segundo Kurtz, não só denunciaram que a religião (entendida como projecção, ilusão, defesa psicológica contra a privação e paliativo sociológico), tinha sido incapaz de resolver os problemas da humanidade, como também defenderam que as várias tradições religiosas tinham de desaparecer com o crescimento da ciência, e ser depois substituídas por “non-supernaturalistic” and “non-transcendental foundations” (Hamilton, 1995). O que eles nunca souberam explicar, porém, para além de alguns deles terem preferido o homem abstracto ao homem corpóreo, sexuado e histórico, foi de onde vinha ao ser humano este poder de inventar um ser onisciente e onipotente.

Não é portanto de admirar, que os últimos dez anos do segundo milénio, como escreve Haase, tenham conhecido aquilo a que alguns chamaram o regresso do divino, ou a aurora de uma nova actualidade da religião (Haase, 2000). Torna-se, por conseguinte, urgente estudar e analisar criticamente este retorno. Assim, a questão que se propôs discutir com esta investigação é precisamente saber, a partir do estudo de carácter exploratório da linguagem do desejo, e da relação entre realidade psíquica e as circunstâncias de vida (cristianismo, budismo, ateísmo, agnosticismo, esquizofrenia e sem abrigo), qual a representação simbólica do divino, como se manifesta nas suas vidas e o que o caracteriza.

Uma das questões colocadas aos participantes foi o que significa existir; se existe algo na sua vida, pelo qual a vida vale a pena; qual o rosto da razão pela qual se levanta todas as manhãs; se já alguma vez alcançou o que faz a vida valer a pena; se na essência do desejo ou na sua realização existe a presença/manifestação do divino (procurando indagar se nas diferentes representações do divino, e o objecto do desejo, são para o participante a mesma coisa, ou coisas simplesmente diferentes). E depois, se a ideia do divino é simplesmente o resultado de um fantasiar, de um projectar intrínseco ao funcionamento humano, ou se pelo contrário, ela não é “always something more, something indeterminate” (Copjec, 1993) – tornando-se a sua negação, destruidora do próprio ser humano, caso se verifique, como defende Lacan, que o “subject is created ex nihilo” (Copjec, 1993). Certamente que o regresso do divino tem a ver com o desencanto, ou com as catástrofes deixadas pelo positivismo, e que tanto marcaram o século XX. Se os seres humanos, como diz Haase, citando Nietzsche, são membros de uma raça que não pode viver sem uma certa noção de verdade (Copjec, 1993), então, o que isto quer



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

dizer é que o humanismo moderno, como observa Schmitz, não foi capaz de ensinar ao homem moderno como distinguir o verdadeiro do falso, o justo do injusto, o normal do anormal, já que era seu propósito construir uma ordem universal fundada sobre a razão e a autonomia do sujeito pensante (Schmitz, 1990). No fundo, a grande diferença entre Nietzsche e Freud, no entender de Foucault, é que tendo ambos teorizado que o “sujeito não é um, mas muitos” (Ferraro, 1995) (the subject's infinite dispersal), o primeiro procurou a razão de si próprio, mas sem nunca entender encontrá-la; enquanto que o segundo procurou fazer da psicanálise uma pesquisa que conduzissem à causa dos problemas e os resolvesse (Foucault, 1997). Mas como diz Fontana em 1997, a psicanálise não fornece uma teoria psicológica que articule o inconsciente e a memória consciente.

É significativo, no positivismo moderno, a historicidade e a finitude da existência humana, o facto precisamente que a *raison* também se revela *déraison*, que o justo também é injusto, o normal anormal, e que o divino também é humano e o humano divino. No entender de Kristeva e Bêlorgey, a obra de Freud abre uma perspectiva nova na representação do funcionamento linguístico, e subverte as concepções cartesianas sobre as quais se apoiava a linguística moderna (Kristeva, 1994).

Se como diz Lacan, “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” (*l'inconscient est structuré comme un langage*) e se este “faz perdurar no sujeito o discurso do Outro como tal” (Gomila, 1995), então a teoria do sujeito proposto pela teoria do inconsciente mais não faz que descentrar o Ego transcendental, i.e., separar o sujeito da imagem de si e dentro dela, ao mesmo tempo que separa este dos seus objectos e dentro deles (Kristeva, 1994). O que significa que o sujeito surge não só como efeito de uma relação discursiva, mas como uma realidade separada da não-presença dele próprio em relação ao todo ou ao nada do seu ser. Então, a ausência de uma unidade última e total, impede às ciências humanas e sociais, como a psicologia, a psiquiatria, a pedagogia e a criminologia; a tradução, em termos de irracionalidade, de toda a contradição para a fazer desaparecer (Basaglia, 1994); reposiciona o devir humano na relação da psicanálise com a política, ou da realidade psíquica com a social, ao mesmo tempo que impede de imaginar e de conceber de forma fixa e conclusiva o inquietante mistério ao qual o desejo nos abre (Clair, 1991).

Já reflectia também São Gregório de Nisa, verbalizando da seguinte forma... “E é isso realmente ver Deus: não se achar nunca saciado desse desejo. É preciso que aquele que fixa o seu olhar sobre o que ele é capaz de ver queime o desejo de ver mais; e assim nenhum limite poderia quebrar a progressão da subida até Deus, uma vez que nenhum limite ao belo pode ser achado, nem a progressão do desejo pode ser detida”. É pois a partir da análise do desejo, enquanto causa do devir humano, que não é mais do que uma busca incansável do divino e do sentido da vida, realidades porque se anseia, dádivas de esperança; que se entende falar no regresso de uma nova imagem, do divino na linguagem do desejo.

MÉTODO

Profundamente marcada pela condição pós-moderna, tal como ela se insurge contra todos os essencialismos e logocentrismos, no trabalho de pensadores como François Lyotard, Michel Foucault, John Caputo, Jürgen Habermas, George Bataille e Jacques Derrida; e num diálogo estreito com Freud, Kristeva, Lacan, Irigaray, Deleuze, Guattari, Eliot, Bronte, o trabalho procurou analisar e comparar o desejo (entendido como o(s) desejo(s) que cada um formula no seu dia a dia) entre os que falam do divino, aqueles que o negam, aqueles que simplesmente dizem não se incomodar com isso, e entre



aqueles que, tidos por loucos, heréticos e esquizofrénicos, o descrevem de forma impensável, impossível; acabando até por contrariar e subverter teologias tradicionais.

Com participantes oriundos das seis diferentes circunstâncias de vida, pretende-se analisar até que ponto o objecto do desejo é, por um lado, gerado pelo poder interno do desejo, sob forma irreal, alucinatória ou fantasmática (Gomila, 1995) e por outro, mediado pela sociedade em geral, pelas experiências vividas, pelo acesso à informação e cultura, pelo factor económico, pelas várias formas de governo religioso, pelos imparáveis processos de subjectivação, de integração e exclusão, ao qual as pessoas se submetem ou são submetidas no decorrer dos anos.

Delineamento

O estudo exploratório da análise do desejo [tradução de um desejo do Outro ou o inconsciente do sujeito (sentido de vida)], incidiu sobre seis grupos que divergem no seu modo de estar, estilos de vida, aos quais se denomina por circunstâncias de vida, como defende Ortega " eu sou a minha circunstância". O critério que levou à escolha destes factores de comparação e não d'outros é precisamente o facto deles se chocarem e até se negarem uns aos outros. A análise deste jogo, entre posições opostas e diversificadas, permitiu estudar a relação entre o verdadeiro e o falso, o anormal e o normal, o aceitável e o intolerável, na definição das imagens do divino por parte de quem "tem o poder" ou "a autoridade" para o fazer.

Assim, foi escolhido dentro das religiões monoteístas, o Cristianismo (dentro deste universo, os católicos), não só por fazerem parte dos livros do ensino secundário público e particular, em Portugal, aos quais todos os participantes tiveram como fonte de aprendizagem, mas também por estar intimamente associado à formação do povo e da cultura portuguesa, mais do que qualquer outra religião. Com Santo Agostinho (354-430), chega-nos até hoje, o seu testemunho de uma procura... "Então quem (Deus) é Ele? Eu interroguei a Terra e a criação inteira; elas disseram-me: «Nós não somos Aquele que tu procuras». Os abismos do mar e os seres vivos, o cosmo, e os astros, todos me responderam: «Nós não somos o Deus do teu desejo, procura mais acima, noutro lugar». Então eu gritei: «Mas, pelo menos, se vós não sois o meu Deus, dizei-me alguma coisa dele». Um único clamor ressoou: «Foi ele quem nos fez». Eu interrogava-os com os olhos, a resposta estava na sua beleza".

Jean Rogues, nos seus estudos em 1990 aborda o cristianismo como uma certa maneira de compreender o homem, o sentido da sua vida, o seu destino. Marcel Legaut em 1990, refere que a fé em si é o ponto de partida de uma verdadeira vida de homem e é o alfa de um caminho onde o ómega é a fé em Deus.

O Budismo, surge como uma religião sem Deus "não teísta", enquanto prática filosófica, que insiste numa renúncia total, baseando-se em duas virtudes a sabedoria e a compaixão. Imperava a questão de como viveriam a questão do desejo?... Ensina-nos Dulemeau, que a existência não passava de um simples episódio numa série (sansâra) quase eterna de nascimentos e mortes, pois o ser humano era prisioneiro desse ciclo devido aos actos (karma) bons ou maus de que era responsável e que orientavam os seus renascimentos. O objectivo da reflexão filosófica, como da prática religiosa, era a libertação (vimoksa) do ciclo sem fim, que se podia atingir graças ao domínio do psiquismo e do físico pelo yoga, ou então pela devoção (bhakti) a uma divindade.

O Ateísmo é escolhido para ser outro grupo de comparação, enquanto negação dos anteriores, mas sobretudo porque desacredita o Divino, nega-o. Temos como exemplo Fernando Pessoa, que defendia que toda a criação é ficção e ilusão. Assim como a Matéria é uma Ilusão para a Intuição; a



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

Intuição uma Ilusão para a Ideia Pura; a Ideia Pura é uma Ilusão para o Ser. E o Ser é essencialmente Ilusão, Falsidade. Deus é a Mentira Suprema.

Agnosticismo, aquele que diz que a nada pode aceder, que não pode conhecer o que nos excede, que não consegue dar respostas às questões fundamentais dos Homens. Se não consigo dar resposta, como vivo?

D'Ormesson em 1925 dá-nos o testemunho de que, "quando se era agnóstico, no século XVIII, isso queria dizer que se estava contra Deus, uma vez que Deus era imposto pela sociedade e pelas instituições. Hoje, em que Deus é, senão negado, pelo menos rejeitado pela sociedade, ser agnóstico, é pelo contrário deixar pelo menos uma oportunidade a Deus.

Sem-Abrigo, porque enquanto excluídos da civilização, o mais carente possível a todos os factores (económico, social, emocional...) qual é a postura face à vida? Ter-se-á perdido a esperança do desejo? Indagou-se sobre o desejo, o divino, daqueles que por uma razão ou outra vivem à margem da sociedade, quer na rua, ou ligados a centros. Levantou-se a questão de que se pensariam eles como Van Gog em 1890, quando nos diz que «Eu compreendi que, mesmo pobre e necessitado aos olhos do mundo, se pode enriquecer em Deus e que esse tesouro ninguém nos pode tirar».

Esquizofrenia, enquanto doença mental. Esquizofrénicos vulgarmente denominados por "anormais" pela ciência, o que têm a dizer? Os "malucos" no passado faziam parte da nossa sociedade. O bobo da corte, identidade que nos recordava constantemente o quão limitados "éramos", subvertendo o próprio modo de funcionar. E agora como são considerados? O universo de máquinas desejantes (Deleuze, 1966) ou como "perdedores" de uma capacidade de desejar?

Para Deleuze e Guattari, a esquizofrenia significará ao mesmo tempo "o muro, a passagem do muro e os fracassos desta passagem". Muro, ou limite, é aqui o que nos separa da produção desejante; transpô-lo, equivale a conseguir fazer passar os fluxos do desejo (Deleuze, 1966). Deleuze capta a positividade da esquizofrenia compreendendo-a como um processo, numa perspectiva já a seu ver iniciada por K. Jaspers e R. D. Laing: "uma ruptura, uma irrupção, um rasgão que quebra a continuidade de uma personalidade, arrastando-a para uma espécie de viagem através de um «mais de realidade» intenso e assustador, segundo linhas de fuga onde se abismam natureza e história, organismo e espírito". Encarada na sua positividade Deleuze e Guattari não hesitam em identificar a esquizofrenia com o processo de produção do desejo e das máquinas desejantes. A alegria mais não é, para eles, que a esquizofrenização como processo.

A razão de optar por diferentes circunstâncias de vida vem de acordo com a oposição (autores pós-modernos) daqueles que hoje concebem o psíquico e o social como uma unidade governada pelo princípio do prazer; Copjec defende uma relação, onde o sujeito não só não se esgota em ambos os campos; mas onde o real, enquanto impossibilidade Lacaniana (Lacan, 1959), é o objecto-causa do devir humano. Nesta ordem de ideias, o divino não será simplesmente um teologar sobre um objecto sempre ausente no "duro desejo de durar" (Gomila, 1995), mas sobretudo um silêncio, cujo murmurar nunca deixa de subverter e de negar toda a historização dele próprio.

Onde está o Homem, está presente o desejo, está presente o divino. Expresso de diferentes maneiras por diferentes autores, temos... para São Gregório de Nisa..."E é isso realmente ver Deus: não se achar nunca saciado desse desejo. É preciso que aquele que fixa o seu olhar sobre o que ele é capaz de ver queime o desejo de ver mais; e assim nenhum limite poderia quebrar a progressão da subida até Deus, uma vez que nenhum limite ao belo pode ser achado, nem a progressão do desejo pode ser detida". "Se tu crês conhecer-te, não conseguirás reconhecer Deus, e até chamarás divino ao maligno", segundo Goethe. E como dizia Bertrand Russell - "todos temos uma coisa em comum: somos todos diferentes". Assim, com uma amostra que se pretende o mais heterogénea possível, de grupos distintos,



radicais, passíveis de se relacionar, procurou-se analisar um só objecto de estudo: a representação simbólica do divino na linguagem do desejo.

Participantes

A amostra constituída por 36 participantes, dos 6 diferentes grupos (cristãos católicos, budistas, ateus, agnósticos, sem-abrigo, esquizofrénico), 6 participantes por cada grupo.

Destes seis: 3 mulheres e 3 homens, de idade compreendida entre os 25 e 55 anos de idade (escolhido este intervalo de idades por ser considerado as idades do amadurecimento, participantes que estão no activo, que se estabelecem, tomam posturas, vivem com maior estabilidade, onde revelam o seu próprio amadurecimento e uma análise crítica e aprofundada das coisas), onde se incluem nos subgrupos (de acordo com os parâmetros estabelecidos pela organização mundial de saúde): jovem (dos 25 aos 30anos), adulto (dos 31 aos 40anos), ou adulto maduro (dos 41 aos 55anos).

A proveniência dos participantes é a cidade de Lisboa e cidades satélites da capital portuguesa; onde residem, estudam, trabalham, ou encontram-se ligados a diferentes organizações/actividades.

Assim, os cristãos católicos são pessoas que fazem parte da Paróquia Católica de Aqualva. Esta escolha deve-se por ter um acesso fácil, tendo sido já eu, católica praticante e pertencente a esta paróquia; com pessoas muito crentes, conservadoras mas muito acessíveis e disponíveis. Os budistas foram escolhidos da população integrada na Associação Budista existente em Lisboa. Procurando verdadeiros seguidores de uma prática filosófica, onde no dia a dia praticam o desapego e o não desejar. A selecção dos agnósticos foi de um grupo que se define como membros de uma corrente agnóstica que desejam ficar no anonimato. Aos participantes que se definem como ateus, as entrevistas realizaram-se dentro daqueles que praticam Yoga e Reiki, no "Centro Chakra" em Lisboa e as indicações de pessoas amigas, conhecidas e no universo do Ispa. Os sem-abrigo foram abordados e escolhidos em centros de solidariedade, como "O Companheiro", "Emaús" e "Cais". E os esquizofrénicos foram seleccionados entre os pacientes da unidade hospitalar Miguel Bombarda.

Instrumentos

Entrevista gravada com consentimento informal.

Guião

- O que significa "existir" para si?
- O que faz com que o senhor/a seja quem é?
- Existe algo na sua vida de todos os dias, pelo qual a vida vale a pena?
- Que rosto tem a razão pela qual se levanta todas as manhãs? É fácil ou difícil falar dele?
- É possível a vida sem o que na sua opinião a faz valer a pena?
- Acha que a vida vale sempre a pena, apesar das dificuldades, da dor?
- O que sente perante a morte de um ente querido? Acha que nesse momento particular, a vida continua a valer a pena? Porquê?
- Já alguma vez alcançou o que faz a vida valer a pena?
- Pensa que o que mais deseja alcançar tem alguma ligação com o que as pessoas chamam de "Deus"?
- O que pensa de "Deus"? Acha que a vida é possível sem este ponto de referência?



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

Procedimentos

Para se proceder à realização das entrevistas, fez-se a deslocação à habitação própria de cada um dos participantes, em dia combinado previamente, onde se realizou a entrevista gravada com consentimento informado. Evitou-se, a resposta escrita às questões (salvo que tenha mesmo que se fazer num ou outro caso), precisamente porque o texto escrito não revela o corpo, nas suas posturas e linguagens. Assim, não só o gravador, mas também a percepção dos olhos, registaram aspectos importantes de um corpo feito imagem e palavra, e vice-versa.

Depois de uma breve explicação sobre o porquê do estudo, foi clarificado que a informação seria analisada pelo entrevistador e confidencial, promovendo que houvesse a maior disponibilidade e sinceridade nas respostas, livre de qualquer preconceito, com um tempo de duração flexível às necessidades do participante para poder responder. A entrevista foi apoiada por um guião, construído previamente e testado como referido anteriormente na caracterização dos instrumentos. Na condução da entrevista, procurou-se explorar ao máximo cada uma das questões, usando-se outras que se achasse pertinentes, dada a natureza ou o carácter subjectivo das respostas (exemplo: o desejo face à dor, ou ao sofrimento provocado pelo vazio deixado pela morte de alguém, é uma outra questão importante, porque esta permite explorar a relação do sujeito com o Outro, desejo de vida, morte e divino).

Numa segunda fase, e na posse dos resultados das entrevistas (após análise das gravações), procedeu-se à análise de conteúdo, comparando a linguagem do desejo nas seis diferentes circunstâncias de vida, numa relação estreita com os trabalhos de Freud, Lacan, Irigaray, Kristeva, e outros. Assim o estudo diferencial, de carácter exploratório, procurou confrontar a corrente existencialista com a psicanalista, na procura de dar um rosto pós moderno do divino na linguagem do desejo. Transcritas as entrevistas para texto, realizou-se uma primeira análise de conteúdo, colocado numa grelha as respostas dos 36 participantes entrevistados. Grelha constituída em coluna, pelas respectivas 10 questões, e em linha por 10 categorizações, onde cada questão remete para uma categorização específica e que a própria justifica a precedência. Dados estes transcritos, na apresentação de resultados das entrevistas.

Na discussão do material das entrevistas, fez-se uma segunda análise de conteúdo mais profunda, procurando relacionar com os diferentes pensadores, na busca do rosto pós-moderno na linguagem do desejo. Num desafio onde, a todos os níveis, se torna inevitável integrar criticamente o que se já tinha por certo e o que se apresenta, segundo modelos concretos de vida. Os vários discursos, mesmo apenas com uma amostra de 36 participantes tem aqui uma importância muito grande, porque permite despertar o desejo, sem querer provar nada, talvez e só apenas iluminar, levantando um pouco o véu deste mistério que é o divino...

RESULTADOS

Integradas nas 10 categorizações: existir (a existência enquanto "factum"), eu (ego enquanto identidade), valores (a presença do que vale a pena), valorizar (dar um nome, denominar: o concreto dos valores), ausência de valores (ausência do que se valoriza enquanto identidades), sofrimento (a vida face ao que parece negá-la), morte (a morte enquanto negação do ser), plenitude (a realização do que mais se deseja alcançar), o que mais se deseja (a força motora do existir) e o desejo de "deus" (a infinitização e a invisibilidade do que mais se deseja), temos



relativamente à 1ª categorização “existir”, a existência enquanto “factum” que para os cristãos católicos passa por viver com amor, ter consciência, ser útil, realizar-se e aperfeiçoar-se. Nos budistas encontramos um estar com o outro e com o próprio numa interacção consciente, contínua, num constante devir. Para os ateus existir é fazer parte do universo, ter consciência do que directa ou indirectamente se passa comigo, um viver que passa por amar, sentir-me e sentir os outros. Para os agnósticos existir é viver, ser, pensar e estar em relação com os outros. Para os sem-abrigo existir é estar vivo, com o positivo e o negativo, morrendo no dia a dia. E para os esquizofrénicos passa por viver, ver e olhar.

Na 2ª categorização “Eu”, na obtenção de ego como identidade, obtivemos pelos cristãos católicos que passa pelo acreditar num ser com a sua carga genética, influência social e “Deus” assim se forma a personalidade enquanto identidade. Para os budistas a identidade é construída por mudanças sucessivas, em parte o resultado das experiências passadas e em parte o resultados das nossas livres escolhas, todos com natureza idêntica, feitos das mesmas partículas mas conjugados de maneiras diferentes. Para os ateus o ego é construído pela história, personalidade, consequências das experiências. Nos agnósticos a identidade é a personalidade, construída pelo passado e futuro. Para os sem-abrigo a construção do ego passa pelas diferentes experiências de vida, boas e más, a sociedade, muito especificamente pela própria visão dos outros sobre o próprio. Os esquizofrénicos defendem que passa por ser e não ser, um eu como se apresenta no dia a dia (roupa colorida, bonito), uma criação de “Deus” (um eu feito á imagem de “Deus”).

Na 3ª categorização “valores”, a presença do que vale a pena, para os cristãos católicos, é manter um sentido de vida, com “Deus” no caminho, viver a natureza, o dia a dia, com energia e garra, com o pensamento no bem, preparando-nos para a outra vida depois da morte. Para os budistas a vida vale a pena por causa da compaixão e do sentimento de solidariedade, pela experiência contínua, algo inexplicável, por tudo o que nos rodeia. Os ateus referem que os valores passam pelas relações com os outros na busca da felicidade de todos, passam pela presença do afecto. Nos agnósticos os valores passam também pelas relações, pela felicidade dos mesmos e dos outros, luta pelos objectivos, pelos sonhos. Para os sem-abrigo a presença do que vale a pena, passa por viver apaixonado, pela família, pelos amigos, pela esperança. Os valores para os esquizofrénicos são: o dia a dia, poder contemplar a natureza e pelos outros a vida vale a pena ser vivida.

Na 4ª categorização “valorizar”, dar um nome, denominar: o concreto dos valores, os cristãos católicos denominam como paz, objectivos, luta, como rosto agradável, aberto, expressivo, que irradia bem-estar, esperança, força, vontade de vencer, como os desenhos animados. Para os budistas o prazer de viver e querer viver plenamente, o positivo das experiências, alegria, felicidade, um rosto de serenidade. Para os ateus o que há a valoriza, será o prazer de viver, dar o nosso máximo por nós e pelos outros, alegria, um rosto de bem-estar, o meu ou do Outro. Nos agnósticos o concreto dos valores é a vida, a busca do positivo, alegre, feliz, sorridente, rosto abstracto tanto humano, arte, musica, ideias, teorias e/ou ciência. Para os sem abrigo o concreto é o amor, a paixão, a amizade, a família, o pensamento e o amor-próprio. Os esquizofrénicos desejam valorizar a vida em si, um rosto de “Deus”, diferentes rostos, o do próprio.

Na 5ª categorização “ausência de valores”, ausência do que se valoriza enquanto identidades, obtivemos para os cristãos católicos ser impossível viver sem uma razão definida, com objectivos, sem um sentido de vida. Para os budistas é necessário transformar o negativo, aceitar, ter animo, ter presente a interpretação da vida e da razão de viver. Os ateus referem que é impossível sem o contacto humano, a esperança, e sem a procura constante de algo. Para os agnósticos é necessário haver a esperança, não deixar de sonhar, manter objectivos, a família. Os sem abrigo dão-no o testemunho de



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

que é impossível sem amar, sem procurar saber qual a razão da sua existência perante “Deus”, o sentido de vida, a alegria da existência, as coisas belas. Para os esquizofrénicos é necessário manter a alegria, crer em “Deus”, manter a ambição.

Na 6ª categorização “sofrimento”, a vida face ao que parece negá-la, para os cristãos católicos, a vida vale sempre a pena, pois é na dor que muitas das vezes se consegue encontrar uma razão de viver, temos capacidade de arranjar estratégias para ultrapassar, mantendo o espírito de luta, e procurando sempre algo positivo mesmo dentro do negativo. Para os budistas a vida é dor e sofrimento, a vida e a morte e todos os estados intermediários são “vida”, não há estados “não vida”, só há uma saída possível viver de uma forma positiva, altruísta, gerar felicidade. Os ateus apostam que há que acreditar que qualquer estado não é definitivo, recordar o que se já viveu e do quanto se gostou procurar sempre a força e a esperança de dias melhores. Para os agnósticos a dor, dificuldades, sofrimento fazem parte da vida, privilégios por vezes, pela possibilidade de ajudar a ir em frente. Com os sem abrigo obtivemos a partilha de apesar de todo o sofrimento, vale sempre a pena procurando manter uma existência com amor e por amor. Para os esquizofrénicos vale sempre a pena, tendo presente que “Deus” cuida de nós.

Na 7ª categorização “morte”, a morte enquanto negação do ser, para os cristãos católicos a morte é encarada como uma libertação, uma passagem para uma vida nova sem pecados. Os budistas defendem a existência da centelha da vida, que não tem princípio nem fim; sendo a morte inevitável, o fundamental é o desapego às coisas. Uma fase sem permanência, um ser em continua mudança. Para os ateus a morte é um existir contínuo. E morre-se por amor. Para os agnósticos há que continuar... a ser pelos amigos, pelas pessoas que se gosta, pela vida em si. Os sem abrigo referem que manter o desejo de um Amor eterno é a condição para se continuar, mesmo perante a morte. Para os esquizofrénicos mesmo com a perda da pessoa que mais se ama temos de continuar...

Na 8ª categorização “plenitude”, a realização do que mais se deseja alcançar, para os cristãos católicos a plenitude passa pelas pequenas conquistas do dia a dia, o estar cá e o estar com os outros, poder ajudar tanto na alegria como no sofrimento, viver com paz e amor. Para os budistas a realização do que mais se deseja passa por celebrar com alegria o encanto da vida, viver numa dimensão de ser útil à sociedade e aos outros particularmente no auxiliar a corrigir as grandes dificuldades e as grandes perturbações, deitar fora muito de nós para podermos alcançar “como retirar as nuvens para se contemplar o céu azul”. Os ateus referem que a plenitude será alcançada nas pequeninas coisas do dia a dia, pelo afecto, acreditando no Amor Supremo. Para os agnósticos todos os dias se alcançam um bocadinho, a felicidade. Nos sem abrigo verifica-se uma luta constante, a presença dos familiares, uma ligação com Deus é mais ou menos a perfeição de uma existência humana. Para os esquizofrénicos a plenitude será alcançar a paz, poder trabalhar. Fica-se sem saber.

Na 9ª categorização “O que mais se deseja”, a força motora do “existir”, para os cristãos católicos está ligado a uma crença de vida eterna; os budistas referem que a força motora do “existir” será uma relação, uma ligação de sentido, o que mais se deseja é um estado iluminado, a libertação, o desbloqueamento das fabricações mentais, paz interior, uma insustentável ternura, o divino, algo que nos transcende, uma consciência universal. Para os ateus vem uma parte de Deus, outra do Amor absoluto e ainda das coisas terrenas, assim se constitui o que mais se deseja. Os agnósticos partilham que está na luta pela felicidade, na fé nas pessoas e nos relacionamentos, pelo prazer da vida. Para os sem abrigo está num poder superior que domina, que faz movimentar tudo, uma ligação com “deus” é mais ou menos a perfeição de uma existência humana (diferentes religiões um só “Deus”). Os esquizofrénicos referem que buscam essa força motora em “Deus”. Jesus cristo é Tudo. À excepção da 1 mulher e 1 homem, ambos do subgrupo “adultos” que referem não saber dizer.



Na 10ª categorização “Desejo de Deus”, a infinitização e a invisibilidade do que se mais deseja, para os cristãos católicos tem de haver sempre um fito a alguém que temos por exemplo, o Amor, o Criador, sem Deus nada é possível. Para os budistas é a união, a consciência universal sem principio nem fim numa paz interior, estarmos bêbados de ternura, apaixonados pela vida, uma insustentável ternura, uma auto procura de um estado de auto libertação/iluminação. Para os ateus é simbolizado pelo que não é compreensível, o que não é controlável, os afectos, a auto estima, a auto confiança, a criação, o porquê da existência. Os agnósticos referem que passa por manter uma fé, uma busca de melhores condições de vida, uma luta de todos os dias para que o amanhã seja melhor. Para os sem abrigo Deus ajuda na realização dos nossos desejos; é a onipotência, o princípio da vida, a luz. Para os esquizofrénicos passa por desejo de um pai eterno, criador; todos nós.

CONCLUSÕES

Segundo Deleuze a tarefa que Nietzsche conseguiu defendendo o eterno retorno, foi valorizar a Diferença, não sendo desta vez um ser unívoco apenas afirmado ou pensado, mas de facto realizado: “o eterno retorno não pode significar o retorno do Idêntico, pois supõe pelo contrário um mundo (o da vontade de poder) onde todas as identidades prévias são abolidas e dissolvidas. Voltar é o ser, mas apenas o ser do devir”. O ser que somos, é um ser em crise, á procura de um estado psíquico, não deseja mais do que a paz. A contenção. A libertação dos fantasmas. O amor (Kristeva, 1983). O ser espiritual é algo intrínseco à vida, que faz parte de nós; desejo é sempre desejo de transcendência, que tem haver com o próprio; esta forma que sou e que outros são chamados a ser (porque continuo a desejar). As entrevistas entenderam verificar sem ser exaustivas, uma crítica à religião por Freud e que ainda hoje se mantém.

O que o Pós-Moderno vem sugerir é que (antropomorfomização de uma realidade no que nos excede) o divino esteja e seja “Mulher”, “Homem”, sem nunca chegar a ser, como nos recorda num seminário Lacan “por muito justas que sejam as leis, nunca chegarão próximo da verdadeira justiça”. As respostas revelam Deus em mim, Deus no Amor que tenho pelos Outros. Mas há também quem ainda revele que é muito pequenino. Alienação da vida é muito vivida em diferentes religiões, neste caso na religião cristã. Não é um rosto metafísico, o Divino Pós-Moderno é um regresso á vida, à história, às práticas de vida privilegiadas por cada geração, às sensações, aos afectos, à projecção da actualidade humana, à sua superação, à superação do que é hostil à vida, e à sua perenialização.

Assim no existir o Divino está na afirmação da vida. Em relação à categoria do eu o Divino não está numa entidade abstracta mas numa forma, num corpo, numa prática contextualizada, histórica. Em relação aos valores, o Divino está nas práticas pelas quais os humanos se dividem como a paz, solidariedade, a compaixão, a relação harmoniosa com a natureza. Em relação ao valorizar o Divino está na projecção individual, na vontade de ser e de ser mais, melhor, subir mais alto, de vencer. Em relação à ausência de valores o Divino está na afirmação de significar, de dar um sentido ao existir, sentido q se sobrepõe á sua ausência. Em relação ao sofrimento o Divino está na superação das dificuldades, dos problemas de cada dia. Em relação à morte o Divino está na esperança, na afirmação incondicional da vida, no amor à vida. Em relação à plenitude, o Divino está nas conquistas, nos momentos de felicidade, de alegria de paz, de reunião de pequenos e grandes coisas. Quanto ao que se mais se deseja o Divino está na coragem, na força de viver, na coragem de ser, na vontade de ir sempre mais, ir além de si, do que é e do que acha que devia ser. No desejo de deus o Divino está, fica sempre por ser, por se atingir, por se realizar. O divino é o abismo, o mistério que sobra sempre em



PSICOLOGÍA Y RELACIONES INTERPERSONALES

cada identidade. O que falta dizer, ser, praticar, acontecer. O divino não é um ser para além da nossa história. A linguagem do desejo não nega a existência de um ser para além de nós, mas não o pode afirmar. O divino é a idealização de nós mesmos, o que a concretiza e o que a excede. Somos divinos, deuses mas não somos o divino ou os deuses. Continuamos a ser seres à procura do nosso espaço psíquico, seres interdependentes, não substâncias ou essências que se bastam a si próprias. Defende Kristeva (1983), "Hoje, Narciso é um exilado, privado de seu espaço psíquico, um extraterrestre de feições pré-históricas, doente de amor, criança turva, esfolada, um tanto nauseante, sem corpo e sem imaginação precisa, que perdeu o que era seu, estrangeiro num universo de desejo e poder, que aspira, unicamente, a reinventar o amor. Os Ets são cada vez mais numerosos. Nós somos todos como ET. (...) A linguagem que domestica e nos leva a amar o desterrado do espaço psíquico é sempre imaginária. Música, filme, romance. Polivalente, indecisa, infinita. Uma crise permanente".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Basaglia, F.O. (1994). *Exclusão/Integração*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Basaglia, F.O. (1994). *Cura/Normalização*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Bottiroli, G. & Ferraro, G. (1995). *Soma/Psique*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Brennam, T. (1989). *Para Além do Falo*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos.
- Clair, J. (1991). *Deus Absconditus*. França: Gallimard.
- Copjec, J. (1993). *Between Feminism & Psychoanalysis*. London and New York: Routledge.
- Cunha, B. C. (1981). *Psicanálise e estruturalismo*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Deleuze, G. (1965). *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70.
- Delumeau, J. (1993). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Droguett, J. G. (2000). *Desejo de Deus*. Brasil: Editora Vozes.
- Duhamel, J. & Mouttapa, J. (1998). *Dicionário inesperado de Deus*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Filloux, J.C. (1947). *O Inconsciente*. Brasil: Martins Fontes.
- Fontana, A. (1997). *Inconsciente*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Foucault, M. (1971). *A ordem do Discurso*. Lisboa: relógio D'Água.
- Foucault, M. (1961). *Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason*, trans. by Howard, R. (1997). Great Britain: Routledge.
- Foucault, M. (1975). *Um diálogo sobre os prazeres do Sexo - Nietzsche, Freud e Marx*. Brasil: Landy Editora.
- Freud, S. (1969). *Além do Princípio de Prazer*. Brasil: Imago.
- Freud, S. (1969). *O Mal-Estar na Civilização*. Brasil: Imago.
- Freud, S. (1969). *Totem e Tabu*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Gomila, J. (1995). *Desejo*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Guattari, F. & Deleuze, G. (1966). *O Anti-Édipo - Capitalismo e Esquizofrenia*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Haase, U. (2000). *Nietzsche and the Divine*. Manchester: Clinamen Press.
- Hamilton, M.B. (1995). *The Sociology of Religion: Theoretical and Comparative Perspectives*. Great Britain: Routledge.
- Hesse, H. (1998). *Narciso e Goldmundo*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Jacobs, M.. (1993) *Living Illusions: A Psychology of Belief*. Great Britain: SPCK.



- Jantzen, G. M. (1998). *Becoming Divine: Towards a Feminist Philosophy of Religion*. Manchester: Manchester University Press.
- Kaufmann, P. (1993). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise - O Legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Kristeva, J. (1983). *Histórias de Amor*. Brasil: Paz e Terra.
- Kristeva, J. & Bérorgey, E. (1994). *Traité de Psychopathologie : Les modèles linguistiques et pragmatiques de la communication*. Paris : Press Universitaire de France.
- Kurtz, L. (1995). *Gods in the Global Village: The World's Religions in Sociological Perspective*. London: Pine Forge Press.
- Lacan, J. (1959). *Desire and the Interpretation of Desire in Hamlet: Literature and Psychoanalysis – The Question of Reading Otherwise*, ed. by Shoshana, F. (1982). Baltimore and London, USA: The Johns Hopkins University Press.
- Mcguire, M. B. (1997). *Religion: The Social Context*, (4th Ed.). USA: Wadsworth Publishing Company.
- Nouwen, H. J. M. (2001). *Intimidade*. Brasil: Edições Loyola.
- Rey, P. (1999). *O desejo*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Rizzuto, A. M. (1998). *Porque Freud rejeitou Deus?* Brasil: Edições Loyola.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- Santos, L.F. (1997). *Pensar o Desejo*. Braga: Universidade do Minho.
- Schmitz, K. L. (1990). *Postmodern or Modern-plus*. London: International Catholic.
- Sartre, J. P. (1943). *O Ser e o Nada*. Brasil: Editora Vozes.
- Urpeth, J. & Lippitt, J. (2000). *Nietzsche and the Divine*. Manchester: Clinamen Press
- Widlocher, D. (1995). *Actualité des Modèles Freudiens, Langage – image – pensée :Inconscient et théorie de l'action..* Paris : Presses Universitaires de France.

Fecha de recepción 1 Marzo 2008
Fecha de admisión 12 Marzo 2008